


Amefricanizando o *cuir*

ARTIGO

José Henrique de Jesus Silvaⁱ 

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil

Urânia Santos das Chagasⁱⁱ 

Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, Brasil

1

Resumo

Existem mil palavras para se referir ao *queer*, mas quais palavras seriam refletidas e utilizadas por nós latino-amefricanos? Os estudos *queer* adentram em nosso território produzido uma gama de conotações importantes de compreensão das nossas pluralidades, mas onde fica o *cuir*? Começamos por apresentar os caminhos que levam ao que chamamos de teoria *queer* e logo depois, pensando a partir do corpo-território, as variações que o *queer* é delimitado em um território que não é seu. Assim problematizamos o *cuir* e o modo de leitura sul global que é tecida sobre uma variação de linguagem do *queer* ao *cuir* como um outro modo de pensar o conceito sobre uma recontextualização da diferença.

Palavras-chave: Teoria *Cuir*. Amefricanidade. Fugitividade

Amefricanizing the *cuir*

Abstract

There are a thousand words to refer to queer, but which words would be reflected and used by us, Latino-Americans? Queer studies delve into our territory, producing a range of important connotations for understanding our pluralities, but where does queer fit? We start by presenting the paths that lead to what we call queer theory and then, thinking from the body-territory, explore the variations that queer is delineated in territories where it does not belong. In this way, we problematize *cuir* and the way of reading from the Global South that is woven through a language variation from queer to *cuir* as another way of thinking about the concept through a recontextualization of difference.

Keywords: *Cuir* Theory. Amefricanity. Fugitivity.

1 Introdução

Este texto busca emergir as narrativas *cuir* negra ameicana, em vista de descentralizar as narrativas hegemônicas que subalternizam e asfixiam as experiências *cuir* ameicanas. Baseando-se nos pensamentos de Pinã Narváez, Yos (Erchxs) (2017), abigail Campos Leal (2021), Lélia Gonzalez (2022), Jota Mombaça (2021), Fred Moten e

Stefano Harney (2024), Sayak Valencia (2023) e Val Flores (2010), discutimos as concepções de entrelaçamento entre o *cuir* e a amefricanidade.

É um trabalho resultante de reflexões que vão se constituindo a partir das apresentações e das disputas epistemológicas realizadas cotidianamente em nossas experiências *sudacas*, mediadas pelas teorias *queer/cuir* e suas monstruosidades e o estudos raciais¹. Essas discussões colocam em disputa nossas experiências enquanto corpos dissidentes negros nos trânsitos de gênero e sexualidade que vivenciamos cotidianamente, além das dimensões raciais que não podem ser excluídas na construção desses debates.

Para a realização desta discussão, aprofundamo-nos nos estudos *queer of colors* e suas abordagens analíticas sobre as reivindicações das epistemologias negras, bem como suas agências de normalização dos corpos que desordenam as instâncias dos bons costumes e desafiam as lógicas binárias cis-hetero-patriarcais. Neste contexto, nos alinhamos ao pensamento de Audre Lorde em *Irmã Outsider* (2021). Buscaremos refletir sobre uma perspectiva *cuir* negra, fundamentada em uma compreensão latino-americana que ressalta como o racismo impacta a subjetividade negra e seus recalques, à luz dos desdobramentos de uma sociedade colonizada, conforme as contribuições da intelectual Lélia Gonzalez em *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano* (2021).

Assim, iremos destacar uma compreensão do *cuir* a partir de uma leitura racializada que possibilita problematizar os modos de embranquecimento associados às teorias que falam de *queer/cuir*. Analisar a noção de *cuir* sob a perspectiva da amefricanidade permite delimitar como as experiências de *bixas*, *sapatonas*, *travestis* e “transmasculines negres” têm subvertido as dimensões teóricas de exclusão da

¹ Ao destacar o lugar do *cuir/queer* sobre uma contextualização *sudaca* refletimos neste trabalho o pensamento de Susy Shock (2021) e Hija de Perra (2015) quando pensa o contexto *queer* sobre uma outra ótica de pensar as experiências do corpo enquanto uma travesti e uma marica.

racialização nos discursos em solo brasileiro e amefricano, além de reafirmar a presença dessas dissidências em lutas por justiça social.

É a partir de uma compreensão radical negra que questionamos e refletimos sobre a condição de uma concepção *cuir* amefricana. Ao pensar em suas epistemologias como rotas de fuga das categorias de essencialização determinadas pela branquitude, consideramos os modos de subversão que criamos enquanto experiências dissidentes negras, em uma deserção do mundo colonial como um efeito de revelia e sobrevivência para uma transfiguração do mundo e do lugar de determinação ao qual somos condicionados.

A amefricanidade é parte da compreensão da intelectual e filósofa negra brasileira Lélia Gonzalez em uma reinterpretação aos modelos coloniais de subalternização nas histórias de uma sociedade colonizada. Segundo Gonzalez (2020), a amefricanidade se dá a partir da experiência de mulheres negras, homens negros e indígenas contra a dominação colonial. Com base nessa dimensão, expandimos o olhar sobre a determinação binária entre as relações de homem e mulher, para pensar como a amefricanidade se expressa na experiência negra que rompe com as conotações binárias do pensamento cis-heteronormativo.

Assim, salientamos o lugar de subalternização enquanto corpos que buscam, por via da interseccionalidade, trazer possibilidades para pensar as condições de justiça social que as pessoas negras dissidentes carregam (Collins, 2020). Com isso, este trabalho surge mediante um sublugar e uma posição metodológica realocada ao modelo submetodologia indisciplinada, proposta por Mombaça (2016), como um modelo de dispor aos modos de fixação colonial e de provocar um modo desleal à norma em um redirecionamento outro sobre os modos de produção do conhecimento na condição do “sub” que advém do lugar de subalternidade dos sujeitos.

Para fazer jus ao modo de adoção que delimita uma inscrição ao modelo submetodológico indisciplinar, adotamos neste percurso um processo de revisão bibliográfica em que os precedentes se mostram em narrativas que são ditas como discursos pelo subalterno diante do que é proposto por Spivak (2010), buscando em fontes

2 Entre o *queer* e o *cuir*

Em um primeiro momento, precisamos apresentar caminhos possíveis sobre o significado que compõe a palavra *cuir* que tomamos como dimensão de aporte para reflexão a partir da amefricanidade. Com isso, muitos questionamentos são elaborados: De onde surge a reescrita dessa palavra? O que difere o *cuir* do *queer*? Será só um modismo, como citam alguns estudiosos dos estudos *queer*? Começamos por aqui para refletir sobre o *cuir* amefricano e suas implicações, abordando desde o início a condição de se pensar o *cuir* a partir de expressões territoriais que, por sua vez, já carregam uma conotação racial. Trata-se de compreender, em profundidade, o que significa pensar o *cuir* enraizado em solo latino-americano.

Ao pensar o surgimento da palavra *cuir*, rememoramos a relação que o *queer* teve em nosso território, mas para este entendimento precisamos voltar ao processo de dimensão etimológica para começar a disputar o que estamos colocando em ação. Segundo Sayak Valencia (2023), no artigo *Do queer ao Cuir: Geopolítica do Estranhamento e Epistêmica do Sul Global*, o termo *queer* apresenta uma variação de genealogias tomadas como expressão de investigação a partir de 1922, quando o termo *queer* se apresenta como uma forma depreciativa da homossexualidade. A partir dessa marcação temporal e dos avanços dos estudos *queer*, surgiram as dimensões de composição *cuir*.

Para refletir o lugar de composição do *cuir*, é necessário compreender as diversas manifestações que um possível conceito exerce. Com base nessa premissa, refletimos a

variação do *queer* ao *cuir* a partir do que os filósofos franceses, Deleuze e Guattari (2010, p. 30), expressam sobre o lugar dos conceitos:

[...] os conceitos se acomodam uns aos outros, superpõem-se uns aos outros, coordenam seus contornos, compõem seus respectivos problemas, pertencem à mesma filosofia, mesmo se têm histórias diferentes. Com efeito, todo conceito, tendo um número finito de componentes, bifurcará sobre outros conceitos, compostos de outra maneira, mas que constituem outras regiões do mesmo plano, que respondem a problemas conectáveis, participam de uma co-criação. Um conceito não exige somente um problema sob o qual remaneja ou substitui conceitos precedentes, mas uma encruzilhada de problemas em que se alia a outros conceitos coexistentes (Deleuze; Guattari, 2010, p. 30).

Quando pensamos o *cuir*, percebemos estar diante de uma nova rede de sentidos que se expressa numa sonoridade compartilhada, embora gere efeitos distintos sobre as noções de *queer* e de *cuir*. Assim, ao refletirmos sobre o *cuir* e suas variações, concebemos um espaço de recontextualização: compreendemos o *cuir* a partir da diferença territorial, reconhecendo suas desterritorializações enquanto prática queer e as reterritorializações que emergem, multiplicando-se e transformando-se nas encruzilhadas que encontram, sempre como condição aberta, fluida e rizomática.

Em uma encruzilhada de sentidos, refletimos a variação da dimensão do *queer* ao *cuir* e o lugar de co-criação e coexistência que se aproximam e separam o *queer* do *cuir*. Sayak Valencia (2023) aponta que uma das primeiras pensadoras que utilizam o termo *queer* primordialmente é a pensadora chicana, Gloria Anzaldúa, em sua obra “*Borderlands/La Frontera: La Nueva mestiza*”. Em seguida, a pensadora italiana, Teresa de Lauretis, em 1991, apresenta o termo *queer* enquanto uma teoria. Lauretis aborda, em um primeiro momento, uma possível condição para pensar uma teoria *queer* refletindo as categorias tradicionais de identidade sexual, pensando a partir da teoria *queer* uma condição mais fluida sobre as identidades.

Ao longo desse processo, os estudos *queer* apresentam uma gama de autores que vão disputar as implicações sobre a teoria *queer* a partir do lugar de projeção de novos conceitos que vão sendo criados mediante o corpo-território dos sujeitos. É o que observamos em autoras como Gloria Anzaldúa (2021), Susy Shock (2021) e Hija de Perra

(2015), cujas narrativas se constroem de forma *deslenguada*, transformando inquietações existenciais em um exercício erótico e de ruptura poética (Flores, 2010). Suas escritas movimentam-se como serpentes, projetando uma ‘língua selvagem’ contra os modelos normativos de dominação linguística e assumindo a monstruosidade como expressão da alteridade própria das vidas dissidentes.

Buscar os delineamentos sobre a teoria *queer* nos faz chegar a obras que fundamentam parte do processo de construção do *queer* enquanto teoria dentro e fora dos centros acadêmicos. As implicações deste lugar advêm a partir da década de 1990, segundo Miskolci (2016), com os estudos elaborados por Teresa de Lauretis no seu texto *Queer Theory. Lesbian and Gays Sexualites*; Judith Butler em *Gender Trouble (Problema de Gênero)* e Eve Kosofsky Sedgwick em *Epistemology of the closet (A epistemologia do armário)* que marcaram o que denominamos hoje de teoria *queer*.

Ao investigarmos as gêneses do que aprendemos nos centros universitários sob a forma de teoria, passamos também por um processo de expansão que ultrapassa essa nomenclatura inicial, atribuindo-lhe novos significados. Para além das autoras que consolidaram a teoria *queer* no campo acadêmico, identificamos uma série de pensadoras que reescrevem caminhos alternativos para essa teoria, numa lógica de co-criação — como propõem Deleuze e Guattari — em processos de diferenciação e aproximação conceitual. É nesse contexto que se formula o *cuir* como uma conotação ladina-amefricana, que extrapola o *queer*, embora mantenha afinidades em termos de lutas e resistências.

Sayak Valencia (2023), ao denominar em seu estudo as dimensões sobre o uso da palavra *queer* e *cuir*, demonstra como o conceito voltou a uma categoria de disputa entre pensadores latino-americanos e estadunidenses. É notável pensar nas críticas que são feitas por autoras do sul global ao estabelecer que o contexto de linguagem expressa do *queer* em nosso território sustenta outros sentidos. No entanto, não podemos nos esquecer dos processos de semelhanças que a luta *queer* possibilitou ampliar para o entendimento das nossas narrativas.

abigail Campos Leal (2021), em *Ex-orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero*, evidencia as relações que a teoria *queer* estabelece em nossas experiências *sudacas* e a necessidade de deserção crítica diante do seu uso, por meio de um rasgo onto-gráfico que rompe com uma gramatologia que não nos contempla enquanto sujeitos amefricanos. Tal gramatologia, marcada por uma perspectiva de branqueamento, foi incorporada à teoria *queer* de modo a silenciar nossas especificidades. Embora autoras como Teresa de Lauretis e Judith Butler tenham apontado para a condição interseccional das multidões *queer*, seus trabalhos ainda se mostravam limitados, uma vez que os debates em torno das categorias de raça permaneciam, em grande parte, marginalizados.

Assim, ao refletirmos sobre a forma como a concepção de *cuir* chega à América Latina — como uma nova projeção etimológica e uma diferenciação em relação às afirmações do que se entende por *queer* —, Valencia (2023, p. 31) faz os seguintes apontamentos ao descrever o lugar do *cuir*:

O *cuir* visibiliza e dá voz às políticas linguísticas de sobrevivência e aliança entre trans, borders, messtic*s, bixas, lésbicas, vestid*s, put*s e pessoas com deficiências. O *cuir* representa um estranhamento (ostranienie; desfamiliarização) do termo *queer*, isto é, uma desautomatização da perspectiva leitora, registrando assim uma inflexão geopolítica rumo ao sul a partir das periferias em contraofensiva à epistemologia colonial e à historiografia anglo-americana. Assim, o deslocamento do *queer* ao *cuir* se refere a um locus de enunciação com inflexão decolonial, tanto lúdica quanto crítica (Valencia, 2023, p. 31).

Valencia (2023) evidencia o deslocamento geopolítico do *cuir*, situado em um locus decolonial, no âmbito da sua co-criação conceitual. Nesse sentido, destacamos não apenas uma inflexão decolonial, mas também uma tríade articulada entre os pensamentos anticolonial e contracolonial, que orientam o deslocamento desse conceito rumo a uma nova gramática fundamentada em bases políticas, éticas e ontológicas. Essa gramática possibilita a inscrição de outras territorialidades, que se desterritorializam e reterritorializam em nossas enunciações.

Ao pensar o lugar do *cuir*, percebe-se uma forma *deslenguada* de escrita, como fala Flores (2010), trazendo a co-criação como membrana sublingual, de insolência

proletária com maioria negra, de cor e indígena, como uma condição de nomear a si fora de um paradigma colonial, esfregando a língua contra a linearidade gramatológica, demonstrando uma cisão entre os rótulos e as determinações das subjetividades dissidentes, desordeiras (Flores, 2010). Assim, o *cuir* aparece como “a língua da dissidência que respira pelos poros do inimigo”. Seu distúrbio somático explode todo o “pacto do controle”, pois é uma insubordinação silenciosa que age nas entranhas do mundo racista e heteropatriarcal: um movimento de destruição.

Dessa forma, voltamos a pensar a partir das considerações que Valencia (2023) pontua sobre o *cuir*:

Para além destes debates e da complexidade da tradução/transliteração do termo para outras geopolíticas, é essencial dizer que *cuir* se refere, sobretudo, àqueles que conseguem burlar a unidirecionalidade interpretativa, a ser ininteligíveis à primeira vista, aos que estão fora dos modelos e dos simples marcos da representação hegemônica ocidentalista e binária. Àqueles que não jogam o jogo do Estado disciplinar contra o Estado neoliberal, porque sabem que ambos são engrenagens do mesmo sistema heteropatriarcal e sangrento. Àqueles que desmascaram que tanto a conservação quanto a destruição da corporalidade obedecem a um sistema geopolítico que decide a distribuição da vulnerabilidade entre os corpos periféricos (Valencia, 2023, p. 32).

É na esfera da marginalização e no lugar de monstruosidade que o *cuir* se manifesta. Assentados em uma indisciplinaridade, tomamos espaços que foram roubados por meio de uma política de quebras. Essas políticas nos permitem romper com as unidirecionalidades realocadas em nossas existências, causando assim efeitos de espanto e caos diante das rupturas silenciosas que programamos como maneira de sobrevivência frente aos modelos coloniais que disciplinam e essencializam o corpo *cuir* (Mombaça, 2021; Moten; Harney, 2024).

Sob esse aspecto, Valencia (2023) atribui considerações sobre o uso do *cuir* e sua dimensão de expansão, que está para além do que foi proposto pela teoria *queer*:

[...] o *cuir* é um movimento de (auto)crítica e agenciamento radical que faz alianças com os (trans)feminismos e com os diversos processos de minorização dados pela etnia/raça, diversidade funcional, migração, idade, classe, etc., e que reconhece as conquistas e a historiografia de outros movimentos de transformação social, como as multidões *queer* do terceiro mundo estadunidense, bem como os

feminismos diversos: indigenista, ecologista, ciberativista, etc. Em suma, o *cuir* é um projeto (geo)político e ético, não apenas estético e prostético (Valencia, 2023, p. 33).

Ao pensarmos o *cuir* como uma autocrítica e um agenciamento radical, refletimos sobre sua dimensão política, ética e estética a partir do pensamento amefricano de Gonzalez (2020). Trata-se de uma autocrítica que reconhece a prerrogativa da dimensão racial, a qual possibilita a projeção de um motor interseccional para compreender o *cuir* e suas implicações dentro do território ladino-amefricano. Trata-se de uma condição para interromper os mecanismos da interculturalidade funcional e as formas de multiculturalismo adotadas sob vertentes capitalistas que transformam corpos marginalizados em objetos de espetacularização, sustentando uma falsa ideia de aceitação.

Assim, ao propor a amefricanização da concepção de *cuir*, vislumbramos a manutenção da vida negra, *cuir* e não *cuir*, como uma estratégia de fuga e sobrevivência, baseada na desregulação do racismo, da heteronormatividade e dos modelos neocoloniais que se atualizam como mecanismos sutis para a manutenção dos privilégios históricos.

2.2 Uma amefricanidade *deslenguada*

Ao trazer a amefricanidade para pensar o *cuir*, queremos destacar a dimensão de autocrítica que a amefricanidade exerce para compreender as experiências de uma sociedade colonizada. Com base nisso, consideramos esse conceito como uma condição de extrema importância para que os debates em torno de frentes anticoloniais, contracoloniais e decoloniais assumam e repensem o que significa a América Latina e toda a sua construção frente às suas territorialidades.

Consideramos pertinente protagonizar a amefricanidade de Gonzalez (2020) pela sua característica ancestral com relação à resistência negra e indígena frente à matriz colonial de opressões. A autora nos revela que a categoria da amefricanidade se expunha

de diversas formas desde o período colonial, logo, estabelecê-la como objetivo é rememorar todo um passado de altivez e luta negra, como expõe a autora

Já na época escravista ela se manifestava nas revoltas, na elaboração de estratégias de resistência cultural, no desenvolvimento de formas alternativas de organização social livre, cuja expressão concreta se encontra nos quilombos, cimarrões, cumbes, palenques, marronages e maroon societies, espalhadas pelas mais diferentes paragens de todo o continente (Gonzalez, 2020, p. 125).

Assim, a amefricanidade representa uma reconexão com estratégias de sobrevivência, anteriores a nós, diante das diversas tentativas de supressão contra as existências não brancas. Uma dessas estratégias que merece destaque é a resistência cultural como espaço de manutenção das nossas diversidades e sobrevivências. Neste trabalho, reivindicando nossa amefricanidade, trazemos no *pretuguês* e na concepção de América Ladina, a matriz africana na linguagem como potencialidades para uma deserção do mundo colonial como um efeito de revelia e sobrevivência para uma transfiguração do mundo e do lugar de determinação ao qual somos condicionados (Gonzalez, 2020).

Amparadas nas estratégias ancestrais negras, realçar a amefricanidade torna-se essencial para abarcar essas existências *cuir*, estranhas, oprimidas pelas amarras coloniais que se atualizaram e seguem em busca de produzir nossas inexistências. É uma resposta, uma possível rota de fuga que outrora levava aos quilombos, e hoje podem nos levar para outras possibilidades.

Gonzalez (2020), ao trazer o debate da amefricanidade, retrata as contribuições das línguas africanas como uma marca dentro do processo de construção da sociedade brasileira e as extensões do processo de colonização no que chamamos de América Latina. É com base nisso que Gonzalez (2020) tecerá outra conotação conceitual para salientar, na escrita, os processos de construção política e ética que os povos colonizados vivenciam e, com base nisso, uma diferenciação da marca territorial que impõem sobre nós. Assim, através das ideias da autora, expandiremos nossas considerações sobre o *cuir* americano em exercício de reflexão e sistematização para pensar América Latina e

América Ladina com reconfiguração de vida das existências *cuir* amefricanas. Nas palavras de Gonzalez (2020), podemos refletir esta reconfiguração:

Trata-se de um olhar novo e criativo no enfoque da formação histórico-cultural do Brasil que, por razões de ordem geográfica e, sobretudo, da ordem do inconsciente, não vem a ser o que geralmente se afirma: um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente europeias, brancas. Ao contrário, ele é uma América Africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o T pelo D para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: América Ladina (não é por acaso que a neurose cultural brasileira tem no racismo o seu sintoma por excelência). Nesse contexto, todos os brasileiros (e não apenas os “pretos” e os “pardos” do IBGE) são ladino-amefricanos. Para um bom entendimento das artimanhas do racismo acima caracterizado, vale a pena recordar a categoria freudiana de denegação (Verneinung): “Processo pelo qual o indivíduo, embora formulando um de seus desejos, pensamentos ou sentimentos, até aí recalcado, continua a defender-se dele, negando que lhe pertença”. Enquanto denegação de nossa ladino-amefricanidade, o racismo “à brasileira” se volta justamente contra aqueles que são o testemunho vivo da mesma (os negros), ao mesmo tempo que diz não o fazer (“democracia racial” brasileira) (Gonzalez, 2020, p.115).

Percebemos que Gonzalez (2020) está propondo uma reinterpretação da forma como o contexto cultural e histórico do Brasil é perpassado, bem como estamos no embate entre o *queer* e o *cuir* e as prevalências de um inconsciente ainda europeu anglo-saxônico estadunidense sobre as nossas cabeças. É diante dessas considerações propostas pela categoria da amefricanidade que pensamos no que Narvéaz (2017) nos incita quando menciona a sua condição enquanto uma travesti. Ademais, outras dissidências nos inspiram por não se enquadrarem sobre um prisma do que é convencionalmente entendido como *queer* ou das categorias que emergem de um academicismo que ainda exclui seus corpos negros dissidentes dos espaços de construção do saber. Enquanto intelectuais subversivos², continuam sendo uma presença incômoda — uma dose amarga que a branquitude ainda reluta em aceitar e que não se alinha completamente às propostas do *queer* tradicional.

Ao problematizar a amefricanidade, situamo-nos no lugar da *deslenguada*, refletindo sobre as formas de linguagem que já foram recriadas como processos de co-

² Fizemos uma menção ao que Moten e Harney destacam em *Sobcomuns: planejamento fugitivo e estudo negro* (Moten; Harney, 2024).

criação e novos modos de subversão das categorias coloniais. É nesse contexto que tomamos o conceito de produção *deslenguada*, como delimitado por Flores (2010), para quem “a palavra é o destino de quem recusa, o cativo”. É a partir desse lugar de fuga que concebemos a amefricanidade: uma fuga da essencialização, uma evasão dos mesmos eixos opressivos, uma fuga do cativo entendida como uma forma de fugitividade que define uma expressão de forma e potencialidade para que negras e proletárias possam produzir sentidos para um transbordamento. Essa fuga se configura como um eixo vital e uma estratégia de sobrevivência dentro de uma outra categoria de mundanidade, conforme aponta a intelectual negra sergipana Beatriz Nascimento (2018, p. 73): “a fuga é uma necessidade de resistência e não para acomodação”. É dessa condição de movimento que pensamos a fugitividade como uma forma de produzir vida em meio a corpos mortos-vivos.

É no transbordamento da língua que Gonzalez (2020) nos possibilita pensar o que define e como é definida a América Latina, presente no seu lugar de mulher negra. É neste trânsito de transbordamento, como uma ação de liberdade de escapar, imundar, sujar, arrasar, que compreendemos o sentido da amefricanidade como uma *deslenguada* que suprime o silenciamento que homens brancos escreveram, libertando-nos do lugar de “cativo de uma linguagem racista” sobre nossos corpos.

Reescrevemos histórias que foram apagadas e sujamos aquelas que se querem manter higienizadas. Assim, refletimos, como nos ensina Flores (2010, p. 69): “Contra todo higienismo da linguagem, a proletária se contamina dos ares mais turbulentos das imaginações.” É a partir dessas políticas de imaginação que construímos um movimento de autocrítica frente às normativas que penduram os corpos *cuir* negros e *cuir* na amefricanidade, gestando novas políticas de linguagem.

As políticas de linguagem movidas pela amefricanidade nos possibilitam pensar nos outros modos de construir e falar o pretuguês. Além dele, salientamos o pajubá como forma de *deslegua* contra a moral branca, cis, heteropatriarcal amefricana. Como destaca Araujo (2019, p. 40), “a *deslenguada* estabelece conexões com o pretuguês e o pajubá por meio da consciência periférica e contracorrente, posicionando contra a moral branca”.

É neste trânsito de reflexões propostas por estas frestas que percebemos a amefricanidade como um motor de articulação e ação ao pensar o *cuir* entre o pretuguês e o pajubá.

É refletindo subversões por meio da linguagem que escrevemos nossa própria subversão, produzindo quebras como uma forma de expansão e de organização. Produzir linguagem por meio de uma crise da própria linguagem nos permite destruir espaços que são sustentados por políticas racistas e higienistas, — que extrapolam a própria condição da linguagem — e nos permite pensar as categorias de desontologização e reontologização do corpo *cuir* amefricano.

3 Considerações Finais

Chegamos à última confluência desse fluxo de interpretações em suas excentricidades que nos ajudam a pensar novas devolutivas sobre os avanços das nossas lutas e subversões. Aqui aproximamos autoras e autores negros dissidentes que transformam hoje modelos anticoloniais, decoloniais e contracoloniais em escritas fugitivas como exercício crítico, entre teorias e dados, em políticas imagéticas, utilizando da poética como uma projeção de nova sonoridade de projeção de luta e vida que marcam a trajetória das ideias que se lançam frente aos conceitos discutidos.

No primeiro momento, reforçamos os trânsitos que serão refletidos ao *queer*, *cuir* e a amefricanidade como eixos de transbordamentos da escrita. Estabelecem-se conexões frente às autoras, uma simbiose de fabulações e uma deserção do mundo colonial foi salientada, como em uma conotação política epistemológica do fim do mundo, demonstrando e desafiando os modelos de normatividade, higienistas diante da moral branca e dos seus pactos narcísicos, bem como a subversão dos nossos atos por meio da linguagem.

A linguagem se apresentou como um eixo central de embate. Ao questionarmos as relações entre *queer* e *cuir*, somos levados a pensar não apenas estes conceitos, como também tencionamos o próprio conceito de América Latina e América Ladina sobre

ordenamentos éticos, políticos, estéticos, ontológicos e existenciais diferentes do hegemônico. Assim, problematizamos os aportes de como a linguagem colonial adentra em nossa experiência ladina-amef리카ana em um movimento de des-conscientização do movimento colonizador que interdita nossos conscientes e inconscientes em mitos, sufocamentos e subalternizações.

É ao pensarmos nas formas de reinterpretação que traçamos caminhos para construir leituras e noções possíveis sobre o *cuir*, especialmente quando somos questionados a partir de uma perspectiva que propõe um *cuir* de sonoridade distinta e que dialoga com uma teoria do *queer* já estabelecida, mas que provoca reações e disputas entre estudiosos e aqueles que buscam delimitar o que é e o que não é. Assim, compreendemos o *cuir* e seus efeitos de monstruosidade manifestados nas performatividades como uma assombração das normativas coloniais e seus códigos, projetados contra corpos dissidentes, desordeiros e negros.

Ao destacarmos os entrelaçamentos da amefricanidade, a vislumbramos como um motor teórico fundamental para que o *cuir* se constitua como efeito de amefricanização, capaz de problematizar as políticas de branqueamento e branquitude que atuam como formas de associação. É a partir dessa amefricanização do *cuir* que concebemos a manifestação de um corpo-território *cuir* americano, promovendo uma cisão diante dos efeitos coloniais e suas lógicas, evidenciando as múltiplas formas como o racismo se manifesta.

Essas foram as considerações lançadas por este artigo como uma forma de conceituação do que definimos enquanto *cuir* em uma afirmação amefricana proletária e *deslenguada*, que problematiza modelos de fabulação e imagina lutas. Trata-se de um gesto de responsabilidade e engajamento nas batalhas que atravessam nossos corpos, dias e noites. Entre os pensamentos de bixas, *sapatonas*, travestis, “não binários” e “transmasculines”, refletimos os caminhos da amefricanização do *cuir* como uma devolutiva de uma luta marcada por afetações que sangram, sujam e abraçam corpos feridos pelas batalhas cotidianas.

Este artigo surge como uma escrita livre de uma *bixa* negra interiorana e de uma *sapatona* negra do Recôncavo Baiano, que enxergam na linguagem formas de transformação, fabulações capazes de operar como expressões de cura em modelos subversivos de vidas desordeiras e fugitivas.

15

Referências

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: La Nueva mestiza**. Traducción Carmen Valle. Madrid: Capitán Swing Libros, 2021.

ARAUJO, Lilian Aparecida de. **Deslenguada: uma figuração da dissidência em val flores**. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: doi:10.11606/D.100.2019.tde-08042019-181354. Acesso em: 26 set. 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

FLORES, Valéria. **Deslenguada**: Desbordes de una proletaria del lenguaje. Editora Ají de Pollo, 2010.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LAURETIS, Teresa. **Queer Theory**: Lesbian and Gay Sexualities. EUA: Indiana University Press, 1991

LEAL, Abigail Campos. **Ex-orbitâncias**: os caminhos da deserção de gênero. São Paulo: GLAC edições, 2021.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**; tradução Stephanie Borges. -- 1. ed. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. 1.ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada**. Revista Concinnitas, [S. l.], v. 1, n. 28, p. 334–354, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/25925>. Acesso em: 25 set. 2024.

MOTEN, Fred; HARNEY, Stefano. **Sobcomuns: Planejamento Fugitivo e Estudo Negro**. Tradução: Mariana Ruggieri, Raquel Parrine, Roger Farias de Melo, Viviane Nogueira. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias da destruição**. São Paulo: Filhos da África, 2018.

PERRA, Hija. Interpretações imundas de como a Teoria *Queer* coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 291–298, 2015. DOI: 10.9771/peri.v1i2.12896. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/12896>. Acesso em: 27 set. 2024.

PINÃ, Naraváez, *et al.* **No existe sexo sin racialización**. Madrid: Colectivo Ayllu Matadero Centro De Residencias Art, 2017.

SHOCK, Susy. Eu, monstro meu. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 15, p. 91–97, 2021. DOI: 10.9771/peri.v1i15.44779. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/44779>. Acesso em: 27 set. 2024.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.

VALENCIA, Sayak.; VILELA, Fabrício, Marçal.; AXT, Bray. Do *Queer* ao *Cuir*: Geopolítica do estranhamento e Epistêmica do Sul Glocal. **Caderno Espaço Feminino**, [S. l.], v. 36, n. 1, p. 14–35, 2023. DOI: 10.14393/CEF-v36n1-2023-3. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/69849>. Acesso em: 26 set. 2024.

i José Henrique de Jesus Silva, ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-2926-6963>

Mestrando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Pesquisador no Grupo de estudos *queer* e outras epistemologias feministas (Con*Queer*/CNPq).

Contribuição de autoria: Autoria e concepção das ideias.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8616293071835492>.

E-mail: errique.silva34@gmail.com

ii **Urânia Santos das Chagas**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6994-6194>

Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana. Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Corpo-Território, Educação e Decolonialidade (CNPq).

Contribuição de autoria: Autoria e concepção das ideias.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9296265967873649>.

E-mail: urania0111@gmail.com

Editora responsável: Genifer Andrade

Especialista *ad hoc*: Belijane Marques Feitosa e Maria Thaís de Oliveira Batista.

Como citar este artigo (ABNT):

SILVA, José Henrique de Jesus.; CHAGAS, Urânia Santos das. Amefricanizando o *Cuir*. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 7, e15015, 2025. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/15015>

Recebido em 16 de fevereiro de 2025.

Aceito em 11 de abril de 2025.

Publicado em 16 de junho de 2025.